



Primeira imagem da Imaculada Conceição trazida a Campinas, conhecida desde a primeira missa na antiga Freguesia, em 14 de julho de 1774.

Para Campinas, um Museu Centro de Estudos, de Trabalho e de Cultura



O piano de Carlos Gomes, bustos, coleções de livros que o retratam, quadros e fotografias, se alinham no patrimônio que guarda o Centro de Ciências, Letras e Artes.



Uma galeria de imagens de artistas populares da Bahia e Pernambuco. A série mostra São João Batista, São Sebastião, Maria Madalena, Sant'Ana, São Joaquim e novamente outra perspectiva de Sant'Ana.



Um arquivo em que falam as revistas e jornais é testemunho de cultura, em qualquer tempo. Campos Sales em dois momentos de sua chegada à Estação Central, no Rio de Janeiro, no dia de sua posse no governo da República.

O MUSEU É UM MEIO ORIGINAL DE COMUNICAÇÃO DE MASSA, ONDE TODAS AS SUAS POSSIBILIDADES DEVEM ESTAR ACESSÍVEIS AO MAIOR NÚMERO DE PESSOAS E A APRESENTAÇÃO DO SEU ACERVO, POR SUAS CARACTERÍSTICAS ESSENCIALMENTE VISUAIS, SE CONSTITUA EM LINGUAGEM CAPAZ DE CONTRIBUIR PARA A INFORMAÇÃO E FORMAÇÃO DO PÚBLICO. A PREOCUPAÇÃO DE ALGUNS SETORES CULTURAIS DA CIDADE VEM RECLAMANDO HÁ TEMPOS O FUNCIONAMENTO DE UM MUSEU DE ALTO PADRÃO, UMA COISA QUE SE SITUA EXATAMENTE NAQUELA DEFINIÇÃO DE SANTOS TRIGUEIROS, DIRETOR DO MUSEU DE VALORES DA GUANABARA. CAMPINAS TEM HOJE, ESPARSOS, QUASE UMA DEZENA DELES. EM GERAL, CARENTES DE ORGANIZAÇÃO TÉCNICA DITADA PELA MUSEOLOGIA, ACABAM SENDO, EM VERDADE, AGLOMERADOS DE PEÇAS E DOCUMENTOS, LONGE DE CONDIÇÕES FORMATIVAS E INFORMATIVAS.



Campos Sales - um varão plutarquiano que as novas gerações ainda precisam conhecer. Político do Império, estadista da República, precisa de uma sede que reflita seu porte e sua história.

ROTEIRO UTIL

Temos um Museu Carlos Gomes e um Museu Campos Sales, ambos no Centro de Ciências, Letras e Artes, cuja diretoria vem reclamando apoio dos poderes públicos para que aqueles valiosos bens históricos tenham finalidade educativa. Paradoxalmente, há um outro Museu Campos Sales, criado em Campinas pelo governo do Estado, mas até hoje não instalado, embora para este continua sendo levantado um patrimônio que possa trazer às novas gerações uma presença viva do grande estadista campineiro que foi vereador, deputado, presidente do Estado e também presidente da República. A Prefeitura tem dentro do Bosque dos Jequitibás um prédio assobradado, onde, muito apropriadamente situou o seu Museu de História Natural, bem junto ao mini-zoológico que é ainda uma atração. Mas, de forma alguma fica bem ali o que se pretende seja o Museu Histórico de Campinas, hoje pobre quanto ao acervo acumulado, não estimulando doações e contribuições que desapareceriam na improvisação reinante. As comemorações anuais da Semana do Soldado Constitucionalista fazem emergir e lembrar que existe um riquíssimo rol de peças, incluindo armas, vestimentas, documentos históricos, coleções de jornais e revistas, ilustrações, cartas e fotografias, marcando a epopéia paulista de uma luta pela liberdade. Bens atualmente guardados em residências de ex-combatentes, que, orgulhosamente, têm permitido que através de pequenas exposições em acanhados edifícios se assinala um verdadeiro Museu que acabará por se diluir. Também a Associação dos Expedicionários Campineiros tem guardado um apreciável volume de objetos trazidos dos campos de batalha da Europa, presas de guerra arrancadas aos exércitos nazistas durante a II guerra mundial, assim como pertences individuais de soldados nossos que lá estiveram. Merecem ser lembrados, igualmente, o Museu de Antropologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas e o de Dom Barreto, carinhosamente cuidado pelas Missionárias de Jesus Crucificado.

ORGANIZAÇÃO E RECURSOS

O conteúdo mais rico e melhor exposto no momento é o do Museu Sacro - ou Museu Arquidiocesano, que provisoriamente funciona junto à Curia Metropolitana, na rua Aquidaban. Os apaixonados pela arte encontrarão um acervo inestimável em imagens, paramentos, prataria, porcelanas, telas e medalhões que marcam o pontificado da linhagem papal desde Calixto III - em 1455 até Paulo VI. Refletem muitas das obras a presença de criação artística do Brasil colonial, assim como outras trazidas da Itália, Portugal, França e Espanha, trazendo o timbre de artistas famosos vinculados à arte religiosa. Obras muitas vezes de sacerdotes, como Frei Agostinho de Jesus, afamado ceramista do século XVII. Há duas imagens raras e de grande expressão, como uma de Santana Mestra, ensinando Nossa Senhora a ler, e outra de São Joaquim, ambas de J. A. Lapa, escultor português do século passado, que dá às fisionomias a mais sensível sensação de sofrimento e bondade. Há murais retirados inteiros da velha Igreja do Rosário. Há uma série de imagens que já estiveram na capela que possuiam os Barões de Itatiba no Palácio dos Azulejos. Há uma galeria da paixão, com meia dúzia de imagens de Cristo em posições de

angústia no caminho do Calvário. Há Cristos em profusão, flagelado ou em preces, em rostos apenas e em crucifixos, um deles de marfim, arte alemã do século XVI, tombado pelo Patrimônio Artístico Nacional. Em depósito, sem um local adequado existem 600 peças de porcelanas de Limoges e Sèvres, cristais, talheres e objetos que assinalam níveis de cultura e civilização. Telas, mais de trinta, dezenas de outras imagens que vão sendo restauradas - tudo pronto para um Museu. Faz parte da coleção ainda um quadro - uma Madona, de Sabattini Lorenzo di Bologna, artista da escola ra-faelina, do século XVI. Tudo reclamando espaço e local apropriado.

TONICO DE CAMPINAS

O que guarda o Centro de Ciências ressuscitando Carlos Gomes de geração em geração também não pode passar em branco. Um genio de dois mundos, exaltado e formado na Europa, amigo de grandes mestres, discípulo de grandes mestres, amigo de Pedro II, tem sua vida e sua obra circunscrita a uma sala que não condiz com a sua memória e com o que se conseguiu até hoje reunir. Há dezenas de partituras de próprio punho ou anotadas pelo criador de "O Guarani". A sua batuta, o seu piano, sua máscara mortuária, correspondência do Maestro com amigos e compositores, suas condecorações e tantas obras que biografam o Tônico de Campinas. - O Museu deve ter uma atividade educacional, precisa ser encarado e tratado pelos seus dirigentes e responsáveis como centros de aprendizagem e divulgação cultural, essa a sua meta, o que também implica na localização do prédio e sua estrutura, na natureza das coleções, no critério e organização das etiquetas explicativas. Serve bem para Campinas a palavra e a orientação de José Valadares, na sua obra "Museus Para o Povo", após uma viagem de estudos a Museus americanos. O que nos falta é um sistema de instalações, que estamos às vésperas de conseguir.

PLANO DO BICENTENÁRIO

O prédio para o Museu de Campinas está à vista. Deve ser aquele que abrigou até a unificação das ferrovias paulistas os escritórios da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, na rua Visconde de Rio Branco. Uma comissão pediu o prédio ao governador com essa finalidade. O secretário do Turismo, Esportes e Cultura veio a Campinas e aprovou plenamente a escolha. O processo está na FEPASA para deliberação final sobre a maneira de ser formulada a cessão do imóvel. Laudo Natel veio a Campinas na semana passada e trouxe uma palavra decisiva e final sobre o prédio que ele mesmo, governador do Estado, julgou o mais apropriado depois de percorrer longamente o edifício projetado e construído por Ramos de Azevedo, grande mestre campineiro da arquitetura bandeirante. - Esse prédio foi excessivamente solicitado por muitos órgãos, inclusive por várias Secretarias de Estado. Optamos, porém, em cedê-lo para Campinas sediar o seu Museu Histórico. Sei que o acervo campineiro é muito valioso e deve ser reunido num Museu, em condições de ser útil à população. A esperança é que haja solução rápida. Quem sabe, para este

ano ainda, na virada do semestre, cuidar-se do planejamento de instalação do Museu de Campinas, para que esteja aberto e entregue à Cidade no grande programa festivo das comemorações do bicentenário. Sem egoísmos dos que podem colaborar. Com o desejo de serem úteis a Campinas todos aqueles hoje detentores de Museus esparsos, desprovidos de instalações, de recursos e de qualquer técnica. Campinas deve pairar acima do interesse de grupos fechados. Há um patrimônio que é comum.

UNIFICAÇÃO - O CAMINHO

A Municipalidade, inclusive, deve atentar para o significado da unificação de todos os nossos Museus, incorporando-se à intenção comum de um Museu a serviço da educação do povo. Pode deixar para outros fins os recursos que iria empregar montando um Museu Municipal. Tem razão o historiador Odilon Nogueira de Matos, que durante sua palestra "Cultura e Povo", no Seminário "Nossa Cidade - Humanização e Lazer", com os aplausos do próprio prefeito de Campinas disse taxativo: - Em verdade não adianta ter cinco museus espalhados pela Cidade, nenhum deles preenchendo suas finalidades. O assunto merece melhor estudo por parte dos especialistas. O que importa é que o Museu a ser criado, seja, com efeito, um Museu organizado dentro dos modernos princípios da Museologia, ou seja, não apenas um Museu-exposição, mas também Museu-centro de estudos e de trabalho, com arquivo e biblioteca.

GRANDE ORGANIZAÇÃO

Importante saber que, como diz Celso Maria de Melo Pupo, valorizaria Campinas e a sua História unir os pequenos Museus de hoje numa única instituição de grandes proporções: - A coalizão não tiraria do pequeno Museu a sua personalidade, de jurídica, pois, não obstante dentro de um prédio único, cada um deles constituiria um Departamento Histórico e especial. Teríamos juntos, uma instituição capaz de ministrar ensinamentos, reunindo os Departamentos de Carlos Gomes e de Campos Sales, assim como o Departamento de História Eclesiástica, alojando as peças existentes no Museu de Arte Sacra. E tudo aquilo que permitiria, numa visita apenas, identificar a riqueza da cultura e da história de Campinas, aberta e oferecida ao povo interessado em adquirir conhecimentos. A Cidade tem dezenas de famílias, centenas de pessoas que, sentindo concretizada a fundação do Museu de Campinas, teriam condições de oferecer doações as mais surpreendentes e valiosas. - É preciso ver no Museu um contrapeso à sociedade em desagregação, às forças incultas e destrutivas. É preciso que uma boa propaganda e uma boa organização façam o Museu provocar o público - já lembrava Gustavo Barroso. Exatamente o que devemos fazer: provocar o público para a cultura, para a história e respeito às tradições.

texto de
Flavio da Silva Fernandes
fotos de
Neldo Cantante